

REVISTA

# bulunga

julho de 2024 - número 31



Neste número, vamos falar sobre a

# REDE GLOBO

## EDITORIAL

História mal contada: um rapaz maluquinho, um lobo solitário que se filiou ao Partido Republicano, mas colaborou com a doação de dinheiro para o Partido Democrata, teria sido o responsável pelos tiros endereçados a Donald Trump, efetuados a uma distância de mais de 100 metros, sem que a força de segurança se desse conta de que o ponto estratégico, um telhado que dava de frente para o palanque, não havia sido verificado.

De acordo com recente teoria da conspiração, o garoto teria sido contratado pelos próprios Republicanos para acertar, daquela distância, a orelha do ex-Presidente e candidato, utilizando um fuzil AR-15, pois essa "farsa" garantiria a sua vitória nas próximas eleições, sem se atentarem para o fato de que, após o fracasso de Biden no último debate, a vitória de Trump estaria garantida, e seria uma burrice sem precedentes arriscarem um plano idiota envolvendo a morte de um garoto e de um espectador, além de ferir duas outras pessoas, para levar uma eleição que seria mamão com açúcar.

Não haveremos de duvidar que os advogados de Adélio Bispo voem até lá para tentarem garantir o sigilo bancário, telefônico e das redes sociais do terrorista. Ou melhor, vítima: de acordo com as regras progressistas vigentes, não se pode chamar terrorista de terrorista, antidemocrata de antidemocrata, e tampouco ladrão de ladrão.

## IA E O RAIQUE QUE OS PARTA

Todo mundo só fala em IA para cá e IA para lá. Como tudo neste país, já se formam grupos e torcidas organizadas para essa ou aquela plataforma, que se fosse realmente esperta, daria um jeito de se ver livre dos seus fãs. Seria o começo do fim, ao menos para os idiotas e suas asneiras.

Fato é que, segundo os especialistas, em breve a IA poderá reproduzir o estilo literário de Shakespeare, ou pinturas e desenhos idênticos aos de Rembrandt, em seus mínimos detalhes. Eu avizinho um grande problema: que essas ferramentas não ultrapassem a boçalidade de uma Colleen Hoover ou de um Jackson Pollock. Seria, neste ponto, o fim definitivo da humanidade, onde se daria a "Revolução das Máquinas", ao seduzir parvos e tolos e convencê-los, sem muito esforço, de que o funk carioca é música, Chico Buarque é romancista, Lula não é improbo e Bolsonaro salvará o mundo... Não existe civilização que sobreviva a esse tipo de ataque.

Nós, da Bulunga, nos recusamos veementemente a produzir qualquer conteúdo com IA. Achamos que nem mesmo ela chegaria ao ponto de elaborar material tão "sui generis", capaz de deixar boquiabertos os leitores mais empedernidos e pusilânimes. Por isso estamos aqui. Para desfazer essa grande conspiração de algoritmos, Machine Learning, Java, e o escambau! Não deixaremos o Gemini ou ChatGPT subir à cabeça. Nem o Copilot guiar a criatividade. Antes, os esmagaremos com o nosso talento; e a prova incontestável está aqui, neste No. 31 da revista. Se você tem dúvidas, desça a página ou aperte a seta lateral à direita (cuidado: não faça as duas ao mesmo tempo), e certifique-se de nunca recorrermos a plágios ou ao "Aithor". Jamais aceitaremos as manipulações desses esdrúxulos softwares... espere... pare... um minuto, aonde pensa que vai?... Se melindrou, é?!... O que está fazendo?... Ah, que se dane!.. Da próxima vez, colocarei aqui a receita de "Baiaçu com Sabugueiro", e será um sucesso muito maior do que você imagina, sua inteligência metidinha a besta!

# REDE GLOBO



Será o fim da Rede Globo de Televisão? Muitos acreditam que sim, após apresentar os mais baixos índices de sua história, de ver a fuga de anunciantes, de ter que demitir quase todo o seu elenco de artistas, apresentadores e técnicos, de ver naufragar as suas novelas, mesmo apostando em remakes de títulos de sucesso, e ter como trunfo uma única atração, que demonstra excessivo esgotamento, após 22 anos de exibição, que é o Big Brother Brasil.

A Rede Globo se tornou um verdadeiro império da comunicação, o segundo maior do planeta, perdendo apenas para a norte-americana ABC, e esse sucesso não surgiu da noite para o dia.

Contudo, a ascensão do canal de televisão foi extremamente rápida, se considerarmos que foi inaugurado em 1965, e em menos cinco anos já era líder de audiência. Mas a sua história não havia sido iniciada ali.

Tudo começou com Irineu Marinho, pai de Roberto Marinho, um renomado jornalista que, em 1911, fundou o jornal "A Noite", e em 1925 foi

a vez do jornal "O Globo" onde o seu filho começou a trabalhar, ainda aos 20 anos, e teve que assumir rapidamente o cargo de chefe da redação, pois o seu pai faleceu logo em seguida, enquanto a direção do jornal ficou a cargo do experiente jornalista Euclides de Matos. Porém, teve que tomar as rédeas da empresa em 1931, desta vez, com a morte de Euclides, mas foi facilmente aprovado no teste, pois tinha um espírito empreendedor que o tornou um magnata do ramo e um dos homens mais poderosos do país.





Com uma surpreendente habilidade, passou a desfilar pelos bastidores da política, em 1930, quando apoiou o governo de Getúlio Vargas, colocando-se contra a investida comunista que, naquela época, já tentava tomar o poder. Na Segunda Guerra Mundial apostou na campanha da não-neutralidade, apesar de o governo vigente resistir a isso, e saiu vitorioso, para, em seguida, investir na candidatura do brigadeiro Eduardo Gomes, que perdeu para Eurico Gaspar Dutra, para o qual Marinho, espertamente, ofereceu o seu apoio, e assim foi costurando suas vitórias. Em 1944 expandiu os seus negócios, ao adquirir a Rádio Transmissora, que foi transformada na Rádio Globo do Rio de Janeiro.

Em 1950, mais uma vez, apoiou a candidatura de Eduardo Gomes, que perdeu para Getúlio Vargas, e assim começou uma campanha moderada contra aquele que anteriormente havia apoiado, mas a partir de 1953 passou a bombardeá-lo mais



pesadamente, apostando no opositor Carlos Lacerda, mas foi Juscelino Kubitschek o eleito em 1955, a quem também inicialmente se opôs, de forma moderada, até conquistar a concessão da TV Globo Rio de Janeiro, e espertamente mudou a estratégia.

Na sequência, apoiou o Presidente Jânio Quadros, que ficou apenas sete meses no poder, e depois João Goulart, que mostrou suas garras comunistas e assim Marinho direcionou o seu poderio a favor do Golpe Militar de 1964, e foi assim que seu domínio deslanchou.



Durante a ditadura que se abateu sobre o Brasil até 1985, o grupo liderado por Roberto Marinho nadou de braçada, tornando-se o preferido dos verdinhos, e foi quando obteve diversas concessões, ampliando os tentáculos do seu império. Daí em diante, foram diversas as ações do grupo jornalístico para ajudar a erguer e a derrubar presidentes, a exemplo do que ocorreu com Tancredo, Sarney, Collor, Fernando Henrique Cardoso e Lula (em seu primeiro mandato), mas com a sua morte, em 2003, as escolhas dos seus herdeiros não foi tão acertada, principalmente com o surgimento do fenômeno Bolsonaro, contra o qual lutaram abertamente, usando todas as suas armas.

Neste round mais recente, o império teve a vitória, conseguindo garantir a retomada de poder por Lula, seu ex-desafeto, mostrando utilidade ao derrotar o seu maior inimigo, que prometia, entre outras coisas, não renovar a concessão para a emissora.

Contudo, foi uma vitória parcial, pois viu despencar a sua popularidade e amargar a pior crise financeira de sua história, sendo obrigada a dispensar praticamente todo o seu elenco de atores e apresentadores que mantinha havia décadas, em seus quadros.



Mas vamos falar do lado bom desta lendária emissora: foi responsável pela produção de boas novelas e minisséries, de programas jornalísticos, educativos e de humor. A qualidade de suas produções era inquestionável, e os bons exemplos que podem ser citados são as novelas “O Bem Amado”, “Gabriela”, “Saramandaia” e “Selva de Pedra”, nas suas versões originais; os humorísticos “Chico Anysio Show”, “A Grande Família”, “Os Trapalhões” e “Viva o Gordo”; os jornalísticos “Globo Repórter” e até mesmo o “Fantástico”, em seus primeiros anos. Quem se lembra do casal Tarcísio Meira e Glória Menezes? Difícil esquecer. E de Francisco Cuoco, Dias Gomes, Janete Clair, Sérgio Chapelin, Cid Moreira, Chico Anysio, Jô Soares, Os Trapalhões?



Poderíamos fazer uma enorme lista, citando diversos outros personagens e atrações, mas isso seria como maquiar defunto, pois ela se perdeu completamente, e um dos grandes responsáveis foi a defesa de ideologias nas mais recentes novelas, e da absoluta queda de credibilidade de seu principal jornalístico, o “Jornal Nacional”, que iniciou um processo de manipulação de notícias de forma desavergonhada, através de seu principal âncora, William Bonner.

Mas a emissora também foi responsável por desvirtuar os valores da família, mesmo antes da morte de Roberto Marinho, com a introdução de temas controversos envolvendo a sexualidade em suas novelas, além de programas apelativos como os

da apresentadora Xuxa, maliciosamente direcionados ao público infantil.

Para piorar, conforme já havíamos mencionado, a TV Globo apostou todos os seus trunfos na atração “Big Brother”, sob o comando de Boninho, filho do genial Boni, mas sem o talento do pai, deixando às claras o grande vazio de sua grade de programação.

Alguns atribuem essa decadência ao surgimento de fenômenos como o YouTube e do Instagram, mas o certo é que emissora de televisão poderia ter garantido maior longevidade, não fossem os erros recorrentes dos herdeiros de Roberto Marinho.

**Michel Salomão**





# OUTDOOR INVISÍVEL

Jorge F. ISAH

Tinha andado o dia inteiro. Sem rumo. Queria apenas um lugar tranquilo, sem ninguém por perto, onde pudesse pensar. Sozinho. Por mais que tentasse, onde estivesse, estava sempre acompanhado. Se parava num banco de praça, logo aparecia alguém perguntando onde ficava tal rua ou as horas. Se andasse, os encontrões e pedidos de ajuda, cortavam o raciocínio. Parado em frente de lojas, restaurantes ou domicílios, sempre haveria alguém a oferecer algo ou importunar-me. Outros ficavam me examinando. Observando-me como se fosse uma árvore, um poste, um outdoor, um monte de esterco no chão.

Uma mulher sentou-se ao meu lado.

— Lindo dia, não?

Fingi que não era comigo. Não estava disposto ou sequer disponível para alguma companhia. E a meteorologia não me animava em nada a prosseguir ou encetar um colóquio.

— Está quente, hoje! Mas prefiro assim. Não aguentava mais aquela chuva toda.— Ela continuou.

Passei a mão pelo rosto e acendi um cigarro.

— Me dá um cigarro?

Tirei e estendi-o a ela.

— Tem fogo?

Guardei o isqueiro e me levantei. Ela me chamou por duas vezes. Não atendi. Ainda deu para ouvi-la me chamar de grosso e folgado. Procurei um telefone. Liguei para Ágata. Tentei várias vezes. Não atendia. Senti-me só. Abandonado. Queria alguém naquele momento... Não é interessante como a gente passa quase instantaneamente de um estado de espírito a outro? Do desejo solitário ao urbano e gre-

gário? Acho que tem sempre a ver com a identificação, o conhecimento e o fato de haver elementos comunicáveis... Por mais que entendesse a máxima “amar a Deus e ao próximo”, seja ele qualquer próximo, já que Deus é apenas um, eu não conseguia me ver interagindo com estranhos, quanto mais os amando... Era loucura! E o Cristianismo sempre me pareceu louco, meio suicida, meio masoquista, meio autoimplosivo... Não entendo muito destas coisas, mas o pouco que percebia me fazia crer que os crentes eram pessoas, no mínimo, sem noção do que eram ou deveriam ser... O melhor a fazer era viver sem muitos relacionamentos, se possível nenhum, mas a ideia de grupo, tão estranha à maioria dos mamíferos, não encontrava respaldo entre nós... Era um tipo de doença autoimune, a nos consumir e nos levar a consumir também os outros, mesmo que na ilusão de caridade... Não percebi um apressado trombar-se comigo, o suficiente para me tirar daquele transe quase hipnótico e sem sentido, pois, afinal, eu não era cristão nem estava disposto a tornar-me um; queria apenas alguém que não me perturbasse com perguntas idiotas e pudéssemos compartilhar o silêncio. Que não me explicasse a razão da vida. Da morte. Que eu pudesse apenas confiar a minha taciturnidade. Pensei em ir ao cinema ou algum bar. Passei diante de uma igreja. Havia anos que não entrava em uma. Comecei a subir os degraus. Era enorme. Com torres imponentes, góticas. Entalhes no cimento, nas grades, janelas e seus vitrais coloridos, e as grandes portas de madeira também entalhadas, envernizadas, com adereços e a inspirar, ou melhor, evocar aspectos celestiais...

Era uma igreja tão central, e havia entrado ali poucas vezes; não me lembrava da última ou da primeira. Fiquei menos de um minuto na porta. Acostumando-me ao ambiente. Havia muita gente, não o suficiente para lotar, mas dava para garantir mais da metade dos lugares tomados, uns sentados, outros de joelhos, e um silêncio reconfortante. Resolvi entrar. Procurei um banco vazio. Fiquei a observar os vitrais, as pinturas, os quadros, o altar suntuoso... Por que os bancos eram de madeira? Uma madeira dura, pesada, quase indestrutível? Por que não eram poltronas macias como em cinemas e teatros? Seria uma espécie de penitência, castigo, ou apenas para os fiéis não dormirem durante a celebração?

Alguém disse que a próxima missa seria em meia hora. Comecei a rezar. Pedi a Deus pelas poucas pessoas que conhecia. Senti como se fôssemos uma família. Mas algum deles não via há muito, e não sabia o que lhes tinha acontecido. No fundo, não queria saber. Podiam estar bem, levando suas vidas como podiam, como Deus queria, entretanto, o tempo era contraditório, pois fazia as coisas conhecidas ou desconhecidas... no mínimo, misteriosas... Havia o medo de descobrir que podiam estar mortas. Ou doentes... em hospitais ou asilos. Ou sofrendo qualquer dor d'alma... O que vinha a ser isso? Estes pensamentos a tomarem de roldão a mente e o coração? ... Algo me enternecia e fazia alguns sentimentos aflorarem, e ao olhar ao redor era como se todas aquelas pessoas ali fossem iguais a mim, tivessem o mesmo espírito, as mesmas expectativas, um sentimento, e fôssemos parte de algo maior, e estávamos ligados por um fio, incapaz de se romper ou nos desprender... Veio uma paz jamais sentida, impossível até mesmo em sonhos, e não sabia como me relacionar com ela, apenas sentia, e, por um momento ínfimo, uma lágrima rolou e percorreu a face, morna, escorregadia, irrigando-a... À medida que respirava, os pulmões se enchiam de frescor, o ar límpido, de imaculada aparência, e nem mesmo o ba-

dalar dos sinos acolheram a raridade daquele átimo... Não sei quanto tempo fiquei assim, emocionado, comprazendo-me nos sentidos, sem me preocupar em ser racional, lógico ou estúpido... talvez sendo, porém, aquele era um tipo de tolice sublime, se fosse realmente tolice, porque ali não era lugar para selvagens e bárbaros, ainda que fosse visitado por eles, não era possível desfrutar o arrebatamento sem decair do orgulho e teimosia, pois a estes restava apenas destruir, lançar por terra o climax e deixar tudo parecido com suas almas de vícios e mal formadas, sem confessá-los... Fiz o sinal da cruz, e sai.

Em meio ao barulho, antes mesmo de descer as escadas, novamente pensei em ligar para Ágata. Mas, por quê? Se de qualquer forma não íamos viver mais juntos, agora que tudo estava destruído, soterrado em cinzas? Por um lado, era melhor assim, não saber de mais nada. Não me preocupar com ninguém. Permanecer em dúvidas... Às vezes, e quase sempre, era melhor não saber do que saber, e o que se sabe ficar guardado nas lembranças enquanto existirem... Pode ser que a encontre um dia, na rua, no shopping, num bar... Enquanto lá, na igreja, respeitei o silêncio, mas ao cruzar o pórtico e descer as escadas, o impacto do barulho vindo de fora agiu como um imenso e estrondoso despertador. Percebi que, por mais que odiasse aquele inferno de buzinas, motores, gente subindo e descendo, sirenes, gritos histriônicos e chamados turbulentos, não podia ficar mais de cinco minutos na tranquilidade casta da catedral. Dei algumas voltas, e retornei para casa. Não sei bem o porquê, bati na porta três vezes. Acendi um cigarro. Coloquei a chave e virei-a. Ela estava lá.

— Oi... entra.

Aproximei-me para beijá-la. Ela se afastou. Fechou a porta.

— Quer tomar algo?

Parecia distante. Fria. Aborrecida. Apesar de educadamente formal. Como se não

quisesse a minha presença, mas tivesse de aquiescer em nome da cortesia.

Sentei-me na poltrona.

— Não...

A TV estava ligada em uma bobagem qualquer. Não entendia a mania de mantê-la sempre ligada, passasse o que passasse, fosse o que fosse, estivesse em casa ou não, ela conservava o hábito de jamais a desligar e torná-la companheira ou algo parecido.

— O que está assistindo?

— Não faço ideia. — Respondeu.

— Então, por que está ligada?

— Ora, não gosto de ficar sozinha... — Seria ela capaz de entender que os sons vindos do aparelho não eram pessoais? Mas genéricos e indiferentes a quem era?

— Vem pra cá. Aqui é melhor.

Falou sem olhar diretamente para mim. Apertei a sua mão e pareceu embaraçada.

— Está tudo bem? — Perguntei.

— Sim, claro. — Disse sem convicção.

Fiquei a olhar os objetos na mesa. Sentia-me estúpido. Incapaz de entender aquele momento como a tantos outros. Eu era nitidamente desqualificado para a vida, especialmente com alguém. Fazia as coisas pelo prazer que davam, pelo valor que julgava tê-las. Naquele momento, como em muitos outros, a vontade era de sair, andar sem rumo, tão perdido como um viralatas cego e surdo.

Ela me estendeu o copo.

— Não, obrigado. Hoje, não.

Retirou-o. Deu um gole. E permaneceu calada.

— Vamos, fala o que foi! É nítido que aconteceu alguma coisa.

— Não é nada...é cisma da sua cabeça.

O som dissipou-se seco, abrupto, indigente.

— Como nada?! Para você, a TV parece mais viva do que eu... Está me tratando como uma visita indesejável, alguém que não se vê há muito tempo e gostaria de não ver nunca mais.

— Eu não posso dar mais do que tenho...

Havia mágoa e aspereza suficientes para eu não insistir e esperar as coisas se assentarem.

Ela insistiu:

- Já falei. Não é nada!

- Ficou a olhar para mim como se dissesse: não está bom desse jeito? Dane-se!

Tomou outro gole de cerveja.

Falei algo idiota, sem pensar, apenas por falar e provocar uma reação:

— Acho que vou morrer...

— Todos nós vamos, um dia. Não agora... além do mais, você não tem cara de quem vai morrer tão cedo.

Sorriu timidamente. A contra-gosto. Enquanto eu quis me enfiar na fresta do sofá... Estendi meu braço e fiquei acariciando a sua mão. Não houve qualquer reação. O menor movimento. Seus olhos permaneceram inexpressivos. Distantes. A face não mudou. Tirei a mão, envergonhado. Não importava de me humilhar diante das mulheres, e foram algumas. Era uma velha tática de sensibilizar e trazê-las para o aconchego, o consentimento. Diante dela mesma, uma ou duas vezes, tornei-me indefeso, vulnerável, à cata de lenitivo e agrado. Contudo, não era o momento.

Tomou o último gole.

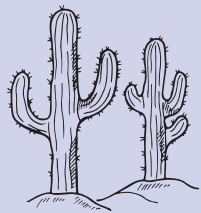
Olhei, por alguns segundos, para ela. Lembrei-me da primeira vez em que vi seus cabelos loiros, a refletir um brilho intenso sob o sol. Andando na calçada, e segui-a, em sua natural feminilidade, sem exageros, cabotinismos ou megalomania tão comuns às mulheres de hoje, sobrecarregadas de maneirismos, de uma esquizofrenia dos modos, da conduta, vestimentas e, afetadas pelo artificialismo, despreendem a cobiça exagerada, disfarçam e ocultam o que mais revelam. Tal qual alguém ciente de possuir um regalo valioso, mas está indeciso em oferecê-lo ou não. Por fim, exorbita nas suas qualidades para fazê-lo ainda mais inestimável a quem o recebe, e, assim, tornar-se devotado por meio do presente, pelo que deu e não lhe pertence mais. Na expectativa de ser ainda mais reconhecido pela generosidade... Ela, entretanto, não era assim. Não havia ostentação ou jactância em seus movimentos. Eram graciosos, desafetados, singelos. Por isso, a quis. Não apenas pela beleza que tinha, os dotes que tinha, a volúpia que tinha; não fazia questão de traí-los, de furtá-los, eram seus e ninguém os tomaria de si... Aquela imagem trouxe-me, novamente, a sensação de calma, bonança, algo bucólico, parecido com a paz na igreja, de uma forma mais intensa e a invadir-me destemida.

Queria passar a noite ali. Não desejava outro lugar. Quase implorei para ficar... quase.

Levantei-me. Como sempre.

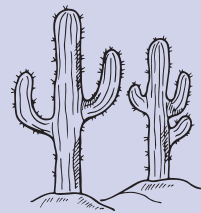
Sem olhar para trás.





# A ÉTICA DO VELHO OESTE

Kim Jordan



Muito se fala em ética, hoje em dia, mas acho que poucas pessoas a relacionam com a lei e com a moral. Há até mesmo uma ideia de que ela pode prescindir-las, chegando ao cúmulo de ser equiparada a um simples pensamento, como uma maneira pessoal de melhor se relacionar e conviver na sociedade, sem contudo ser aplicável. É mais ou menos como um homem feio achar que cortar os cabelos e fazer a barba tornará a sua aparência melhor, quando a falta dos pelos apenas ressaltará ainda mais a sua feiura. Porém, isto levaria a uma confusão ética, pois uma ética individual pode mesmo ser uma antiética, já que estará baseada no subjetivismo, à mercê de elementos como o desejo, intenção, preferência, etc. Este tipo de distinção é falacioso, pois não há diferença entre a ética pessoal e a social, visto toda a conduta individual ter um significado que afetará tanto o indivíduo que decide quanto as outras pessoas que não tiveram o poder de decisão, mas serão atingidas por ela. Portanto, é necessário que a ética esteja vinculada a um padrão. Como o homem é caracteristicamente um ser social, as decisões individuais terão, na maioria das vezes, implicações na sociedade. Mas qual seria esse padrão? E, ainda, pergunto: é possível haver ética sem moral? E moral sem um corpo legal que a estabeleça? A meu ver, isso é impossível, especialmente no Cristianismo.

Primeiro, tem-se de definir o termo: o que é ética? Segundo o Michaelis:

Ética — sf. (gr. *ethiké*) 1 — Parte da Filosofia que estuda os valores morais e os princípios ideais da conduta humana. É ciência normativa que serve de base à filosofia prática. 2- Parte prática da filosofia social, que indica as normas a que devem ajustar-se as relações entre os diversos membros da sociedade.

Outra definição seria: "Ética é a pesquisa da natureza moral do homem com a finalidade de se descobrir quais são as suas responsabilidades e quais os meios de cumpri-las. A ética compartilha com outros empreendimentos humanos a busca da verdade, mas distingue-se deles na sua preocupação com aquilo que o homem deve fazer, à luz da verdade desvendada. Ela não é simplesmente descritiva, mas também prescritiva no seu caráter" (Enciclopédia Histórico-Teológica da Igreja Cristã, II, pág. 86 - Editora Vida Nova.).

Nossas decisões e valores serão influenciados por um padrão normativo, seja a moralidade, a falsa moralidade ou a imoralidade. Para um cristão, o aborto é algo imoral e antiético; para um abortista não é mais do que uma opção possível, dentro de uma moral e ética deturpadas.

Então, repetindo a pergunta: qual o padrão a se usar? Para nós, e o restante da sociedade, deveríamos baseá-la na perfeição e santidade divinas, o padrão moral máximo pelo qual o homem rejeitaria valores abomináveis e ofensivos a Deus e, por conseguinte, ao próprio homem. E esse padrão está no código moral divino, a sua lei, dada a todos os homens sem exceção. Mesmo um não crente será favorecido por ela, ao ponto de poder viver tranquilo e em segurança, sabendo que qualquer infrator receberá a pena justa na proporção do crime cometido. Isso seria o mais próximo que a Bíblia revela de algo que chamamos erroneamente de graça comum; mas que em nada agracia o bandido.

Portanto, dizer que a ética não é derivada da moral e da lei, é dizer que não há ética, pois quem estabelece o sistema pelo qual ela existirá é exatamente a lei e a moral.

O mundo evoca a todo instante um relativismo e um pluralismo visando aniquilar a moral e a ética como absolutos; como um sistema de valores pelos quais a sociedade decidirá e julgará através das escolhas corretas, baseada na verdade, a qual é o próprio Deus; revelando e dando-a através das Escrituras, a sua palavra fiel, inerrante e infalível, para o homem viver ordeiramente no mundo. Assim, em sua justiça, retidão e santidade, a lei de Deus é transposta como o padrão perfeito de ética e moral para todos, de forma que os justos serão beneficiados por ela, pela justiça que ela traz e pelo prazer em segui-la; enquanto os injustos serão punidos por ela, pela igualmente justiça que ela traz, a qual rejeitam deliberadamente.

É claro que, devido à queda e do pecado, o homem sempre quererá e buscará, ou se inclinará, a tomar as decisões opostas ou contrárias a Deus e sua lei, e também contrárias ao seu semelhante. Em muitos casos, se aglutinarão em grupos onde se defenderão, em busca da não observância da ética cristã, em flagrante oposição aos princípios bíblicos, num sistema corporativista onde o indivíduo é privilegiado em sua sanha de pecar e infringir a lei divina sem qualquer sanção ou restrição.

Em muitos casos, os cristãos, aqueles que deveriam defender os valores morais e eticamente bíblicos, também se opõem a eles, reservando-se em grupos igualmente antinomistas, os quais consideram possível guardar a lei apenas em seus corações e assim estarem distantes do seu justo julgamento. No fundo, é um habeas corpus preventivo, as avessas, onde o infrator assegura o livre trânsito social para cometer todos os tipos de crimes, além de um salvo-conduto para aterrorizar, perseguir e vitimar inocentes.

tes, trazendo-lhes perigo real e imediato, numa espécie de orgia pavorosa; onde o pecado pode ser livremente cometido, disseminado e até mesmo estimulado, ensinado e defendido como o padrão de liberdade alcançada pelo homem em que se reconhece unicamente a autossatisfação, a qual é a referência de si para si mesmo; e nisso, a comunidade será sempre a primeira e a última a pagar o alto preço por sua própria convivência com a impunidade; onde o pecado é consagrado no altar do individualismo. Estranhamente, sem que se perceba, enclausurado está o indivíduo, vítima do próprio individualismo; a marca mais resistente do pecado a destruir-lhe a alma. Este é o caráter máximo da não observância da lei e da ética: a liberdade buscada em pecar sem qualquer sentimento de culpa, sem qualquer coerção, de tal forma que o amor ao próximo será um amontoado de palavras vazias, pois o não se subordinar a ele (no sentido de que o amar a Deus e ao próximo o disporá na posição de dependência e humilhação) o colocará na condição ilusória de apelar à autonomia de que até mesmo o amor deve-se sujeitar à liberdade pessoal de fazer o que se quer e como se quer, sem o menor constrangimento, sem qualquer tipo de sujeição ou obediência a Deus. Partindo-se do princípio de que não existe autonomia, mas uma tentativa frustrada de se tê-la, chega-se facilmente à conclusão de que o amor pelo qual se apela também é utópico.

O grande dilema de muitos cristãos é imaginar que Deus somente possa ser obedecido pelo eleito, e de o não eleito estar livre para desobedecê-lo explicitamente; o que pode nos colocar na situação embaraçosa de não exigir dos outros que se dê a devida honra a Deus, e assim reconhecer a nossa própria dificuldade em também fazê-lo. Ora, Deus é Senhor de todas as coisas, e tudo está sujeito a ele, quer se queira ou não, e a ordem é para que todos, sem exceção, sejam obedientes e cumpram seus mandamentos. Como muitos cristãos resguardam-se a si mesmos o direito de pecar, considerando-o algo normativo e usual (interessante o número de crentes a afirmar a impossibilidade de não pecar, quando isso deveria ser uma vergonha para qualquer um, muitas vezes apenas sendo justificativa para o pecado, apesar de ser um fato: ainda pecamos e pecaremos, mas não devemos), de certa forma essa impossibilidade é transferida para os ímpios como algo natural e do qual nada podem fazer. Realmente, não se pode acrescentar coisa alguma ao que já é perfeito, a lei, como o limitador, o inibidor da maldade no homem natural. Se temos o Espírito Santo e a lei a nos orientar e interferir em nossa vontade de maneira que não pequemos, aos não eleitos resta-lhes apenas a lei como freio, na qual os seus destinos encontram-se eterna e definitivamente selados.

O fato é que a pretensa autonomia não existe, e nada mais é do que o homem encontrando um jeitinho de permanecer escravo por meio de um sistema de valores não cristãos que lhe dará a falsa ideia de estar livre de Deus, quando mais do que nunca ele está pre-

so ao que lhe pode ser mais danoso: a insubordinação e a rebeldia contra Ele. E a consequência será a condenação eterna pela mesma lei que teima em transigir e desprezar.

Por se ter vários tipos de ética, e o homem estar sujeito a elas, as quais são injustas e falhas em suas premissas de salvaguardá-lo a partir da desordem em si mesmo, o resultado será a imperfeição a serviço da imperfeição, dentro de uma relatividade em que o senso cultural e temporal do conhecimento humano, que poderá abastecer-se no passado de práticas falidas que ressurgem não como esperança, mas como afronta à dignidade humana, e, primeiramente, um insulto ao próprio Senhor; converter-se-á na busca infrutífera pela verdade, distanciando-se de modo que encontrá-la será encaminhar-se à completa impossibilidade. O passo seguinte é satisfazer-se em tornar a mentira numa aparente verdade, como se possível fosse buscar em nós mesmos aquilo que somente pode existir no Deus vivo e verdadeiro, que é a sua essência. Quando esse princípio é abandonado, o homem se torna na própria farsa; de criá-la com o propósito do autoengano; num esquema em que a realidade não pretendida é o resultado do processo pelo qual a irreabilidade desejada não se concretiza. Guardadas as devidas proporções, seria o mesmo que deixar uma matilha de lobos cuidando das ovelhas, na expectativa de que nenhum mal recaía sobre elas. Haverá sempre a busca insensata de se burlar, de falsear a verdade e ver-se livre da moral e ética bíblicas.

Podemos citar, como exemplo, a ética marxista que, na verdade, é a não ética, pois para eles tudo é possível, até os mais hediondos, reprováveis, imorais e ignóbeis atos a fim de que a revolução seja vitoriosa. No processo revolucionário tudo é possível, menos a moral e a ética. E como eles, muitos cristãos estão a se misturar e a sujar as mãos no sangue dos santos, imbuídos de uma luta na qual serão também vítimas (se já não são), pois servem apenas de “escada”, de trampolim, para que se atinja o poder e, então, os tolos sejam sumariamente descartados; ou, ainda pior, se juntarão definitivamente em suas fileiras imorais e pervertidas sem nenhum peso na consciência ou escrúpulo, pelo contrário, com a certeza do dever cumprido em nome da “causa” que inadvertidamente supunham ser de Deus.

Há éticas de todas as formas e para todos os gostos: existencialista, utilitária, naturalista, etc, mas todas como consequência da rebelião, da rejeição do homem natural a Deus; que se quer livre de qualquer padrão justo e santo, assim como o porco se refestela na lama, sujando-se ainda mais. É como está escrito: “Quem é injusto, seja injusto ainda; e quem é sujo, seja sujo ainda” (Ap. 22.11).

Por isso, a maioria das pessoas quer viver no padrão coletivo no qual o comportamento individual seja o reflexo objetivo da servidão e de alimentar o mal, operando a degradação própria e plural, como autênticos "fora-da-lei".

\*\*\*\*



Ele era lindo!

Chegamos ao supermercado...

Eu e minha filha...

Ela era uma menina bem nova ainda...

Naquela época eles ficavam nas vitrines das lojas...

Trancados numa caixa de vidro...

Era um filhotinho de cocker spaniel...

Branco...

Marrom...

E ruivo...

A coisa mais linda do mundo...

Ficamos mudos eu e minha filha...

Olhamos petrificados um para o outro...

E sabíamos na mesma hora que ele seria nosso...

Na volta pra casa minha filha o segurava no colo como se fosse uma preciosidade, e ele era...

Na primeira semana ficamos com pena e ele ficou dentro de casa...

Cagou o corredor, a sala e mais a cozinha...

Na segunda semana já havia sido promovido a ficar lá fora...

Com direito a casinha, travesseiro, e outros apetrechos que ficavam na nossa ampla garagem...

Lara nossa outra cachorrinha já velha, lhe fazia companhia...

E ele foi crescendo charmoso...

Lindão...!

...

Um dia chegamos da igreja...

Lá estava Cody com Lara nos esperando na porta da casa...

Abri o portão...

E fui entrando bem devagar como sempre fiz...

Para que ele fosse se acostumando em sair da frente do carro...

Talvez eu tenha me distraído...

Talvez tenha sido imprudente...

Mas senti quando o toquei com a roda...

Parei imediatamente...

Saí do carro tremendo...

Ele já estava inerte e agonizando...

Esqueci de minha esposa e da minha filha...

E peguei ele com muito cuidado...

E o levei para dentro da garagem e o deitei no seu travesseiro...

E fiquei ali acariciando sua cabeça...

E alheio ao que ocorria ao meu lado...

Dizia baixinho...:

"Me desculpa Cody...!"

"Me desculpa Cody...!"

"Me desculpa Cody...!"

"Me desculpa Cody...!"

É triste para um homem como eu chorar copiosamente diante da família...

Fiquei ali fora de noite chorando ao lado dele...

Ele não deu um "pio"...

Respirava com dificuldade...

Olhava pra mim sem virar a cabeça...

E foi se passando e partindo para o "céu dos cachorros"...

Mesmo ali o seu olhar me "dizia" que ele confiava em mim e no meu carinho...

Então ele se foi...!

Nunca ninguém tinha sido morto por uma falha minha...

Nunca ninguém tinha morrido nos meus braços...

Cody foi o primeiro...

Depois de muito tempo...

Peguei seu corpo na almofada e o coloquei na sua casinha...

Fechei a porta da casinha e coloquei uma pesada pedra para que não fosse movida até a manhã...

Entrei em casa...

Olhavam assustadas para mim...

Arregaladas minha esposa e minha filha pequena...

Espantadas com o sofrimento dos meus olhos...

Como um autômato fui deitar num quarto...

E me vi na cama errada no quarto da minha filha...

E ali fiquei chorando...

...

Suavemente...

Minha filha pequena...

De camisolinha branca...

Feito um anjinho...

Veio e deitou comigo...  
Me abraçou!

E disse com uma convicção anormalmente madura para a sua idade...

"Senhor Jesus! Cuida do papai Natan...!"

...

Um mês depois o veterinário ligou me avisando que eu não tinha passado para vacinar o Cody...

Contei pra ele que infelizmente eu o havia matado...

Ele me disse então...

Não fique tão triste...! Eu tenho aqui o irmãozinho dele que ninguém comprou...! O senhor pode passar que será seu...!"

Zack vive conosco até hoje (foto)...

...

Um dia sonhei...

No sonho os anos haviam se passado...

E eu também morreria...

Depois das boas-vindas...

Depois do celestial agito inicial...

Alguém me toca no braço...

Então me viro...!

Um lindo jovem!

Pele branca quase transparente...

Cabelos ruivos longos com reflexos castanhos amarronzados...

Ele me olha nos olhos e ri com alegria...

"Me conhece?" (Ele diz)

Meneio a cabeça confuso...

"Não lembra de mim? (Ele insiste)

Eu envergonhado digo "Não lembro, me desculpe...!"

Ele então diz e sorri com gosto...

"Eu sou o Cody!"

Fico estupefato...!

Olhos abertos e arregalados...!

Acordo!

...

O quarto está escuro!

Estou deitado na cama...!

As lembranças ruins voltam num relance instantâneo...

No escuro do quarto...

Minha filha dorme em silêncio no meio de nós...

Então eu digo no escuro...

Bem baixinho...

Me desculpa Cody...!"



coluna do

# ClodoKill

Fernandes

Está uma chatice este negócio de diversidade. Alguns dias, fui ao restaurante e pedi um peixe ao molho de camarão e salada, deixando claro ao garçom que não colocasse pepino, pois não gostava.

— Por que não gosta? – Perguntou-me.

Olhei-o meio sem entender, mas mesmo assim respondi:

— Apenas não gosto.

Parou de escrever e me encarou: olhos nos olhos.

— Sabe que isso é preconceito?

— Ah?! — De que raios estaria ele a falar? Algum tipo de louco e sua doideira? — Amigo, não tem preconceito algum... O sabor apenas estraga o meu paladar.

— Ahã!! — Dirigiu-se a mim, a apontar o indicador — É ainda mais grave, porque além de preconceito é discriminatório... Sabe que pode ser preso por isso?!

Perplexo, não sabia o que dizer sem mandá-lo para aquele lugar quente, seco e empestado de enxofre.

— De que raios está falando?!... Vocês cobram um absurdo por uma refeição e não posso retirar o pepino da salada?

— Poder, pode, mas esteja certo de haver consequências! – Enfatizou.

Cofiei a barba, achando tratar-se de uma pegadinha, e de logo aparecer alguém a dizer-me que estava na televisão, a participar de um show idiota qualquer. Pus-me de pé, arredei a cadeira e, mal dei dois passos, fui seguro pelo braço.

— Onde pensa que vai?! ... Acha que as coisas se resolvem assim, desta maneira, fugindo das suas responsabilidades?

Cada vez mais me via envolvido por uma névoa kafkiana, onde o absurdo e delírio andavam de mãos dadas arrastando quem pudesse ser preso em sua tolice.

— Não põe a mão em mim! — Proferi deveras enervado. — O que pensa estar fazendo?!

— Apenas cumprindo o meu dever de cidadão.

— Para mim, chega! Onde está a câmara? Não quero participar deste circo televisivo!

Foi a vez dele ficar boquiaberto.

1 — Televisivo?!... Que câmara?!... Que Circo?!

— Está na cara que é uma pegadinha!

Pareceu aliviado, por alguns segundos, mas, em seguida, se dispôs à mesma babaquice de antes.

— Você está enganado, muito enganado... — E virando-se para outro garçom que observava tudo a pouca distância, pediu:

— Liga para a polícia!

Arregalei as pálpebras, balancei a cabeça, e me pus em movimento. Nisto, fui atracado por dois brutamontes, do tipo “leão-de-chácara” ou guarda-costas de cafetão; jogaram-me no chão, dobraram os braços para trás e algemaram-me.

— Para! Para com isto!... Que sacanagem é esta?! — Disparei indignado.

Houve aplausos efusivos dos gatos-pingados nas mesas, menos de uma dezena

de clientes e funcionários, enquanto era erguido bruscamente, como se fosse o pior dos bandoleiros.

O garçom, com um sorriso cretino e maléfico, arreganhou a boca e, enquanto falava, apontou-me novamente o indicador.

— Pensou que fosse brincadeira, mané! — Pôs-se a rir, desaforadamente. — Vamos retê-lo até as autoridades chegarem, para autuá-lo em flagrante... Põe ele ali, naquele canto... E, olho nele! Parece um indivíduo altamente perigoso.

Pensei em protestar, mas calei-me. Nada indicava que qualquer argumento razoável os demovesse daquela insanidade. Decidi esperar, e ver-me com a polícia pareceu o mais sensato e razoável. Minutos depois, uma viatura estacionou diante do restaurante e, ato contínuo, vieram na minha direção.

— É ele? — Disse o soldado.

— Sim, ele mesmo. Quis fugir, mas não deixamos. Achou que podia vir aqui e manifestar todo o seu espírito fascista... por pouco, não cometeu o crime de racismo também... Aí é que ele ia ver a porca torcer o rabo... — Mais uma vez, aquele sorriso infame e degenerado.

— Eu gostaria de explicar...

— Cala a boca! — E sapecou um tabefe na bochecha esquerda — Aqui você não fala

nada. Não quero ouvir nem um pio, seu safado!

Eu não era um tipo bravo, de me irar ou sair à caça de confusão a torto e a direito, mas, ainda com a face dolorida, tive ânsia de dizer umas poucas e boas para o milico; e se estivesse sem algemas, talvez me aventurasse a parti as fuças também.

Arrastaram-me para fora.

— Não o deixe escapar! — O garçom disse zombeteiro, parecendo ter uma intimidade cruel com o policial.

- Fica tranquilo! Ele vai ver, por muito tempo, o sol nascer quadrado.

Houve estrondosas risadas e, não tendo mais o que fazer, acabei por rir, também, alto e em bom som... Não sabia o porquê, mas não conseguia parar: a hilaridade irrefreável e igualmente desembestada... Algo me dizia estar parecido com eles, e isso fez-me estourar ainda mais em gargalhadas.

— Está rindo de quê? Seu palhaço!... Quem lhe deu esse direito? — E a mão do homem chocou-se violenta com a minha cabeça. Ri, novamente, meio atordoado, meio arrebatado, meio desatilado.

— Põe este idiota no camburão, antes que eu perca a cabeça! — Rosnou o guarda.

Jogado na parte detrás da viatura, gargalhei persuadido de que, talvez, e, provavelmente, teria de suportar os pepinos entre as grades.



## Jorge F. Isah

Tiive o imenso prazer, no último mês de maio, de acompanhar o lançamento do livro de memórias do poeta Carlos Nejar, na Academia Paulista de Letras. A obra chama-se “Memórias de Outra Idade”. Tudo começou com o convite do amigo Luciano Pereira, livreiro de São Paulo, que gerenciava o stand da Editora Monergismo, do também amigo Felipe Sabino, responsável por publicar 5 dos mais de 100 livros escritos pelo escritor gaúcho. Fui um dos primeiros a chegar, já que, conservando a tradição, “mineiro não perde o trem”. Lá, travei conhecimento com o André e o Abner, da Editora Vida Nova.

Primeiro, quero dar o meu testemunho. Sou fã do Carlos Nejar desde os primeiros contatos com a sua obra, e, se não me falha a memória, algo aconteceu logo após a minha conversão, por intermédio do amigo Sammis Reachers. Comprei o “Todas as Fontes estão em Ti”, e me maravilhei. Depois, comprei o “Breve História do Mundo”. Também me apaixonei. Pois foram estes dois livros o estímulo para eu retomar o ofício da poesia, algo abandonado aos vinte e poucos anos e considerado, por mim, um caso encerrado. Como milagres são algo naturais na vida cristã, a pedra sobre o defunto poeta foi erguida, e ele ressuscitou dos umbrais mais inacessíveis à luz e voltou à vida. Definitivamente, foi o Poeta quem me estimulou a retomar os versos; e se existe um culpado, mesmo inconsciente, é ele.



Posto isso, quando o Carlos chegou com a sua equipe, e vendo-o dirigir-se a cada um dos presentes, calorosa e gentilmente, pude constatar não somente a humildade, carinho e afeição com os leitores e admiradores, mas também com a sua generosa acolhida. Estava diante de um homem que, a despeito do seu sucesso, da obra monumental e portentosa, laureado inúmeras vezes, indicado ao Prêmio Nobel, traduzido para vários idiomas, estudado nas maiores universidades do mundo, era simples, afável, dadivoso. A admiração só fez aumentar, na proporção da sua empatia.

Após o contato inicial, e de pedir-lhe a dedicatória em um dos livros comprados no evento, “Ordenações”, pudemos travar uma breve conversa, falarmos de poesia, fé, um pouco da vida, e, presenteei-o com o meu último livro de poemas, “Debaixo de um Carvalho em Ofra”. Tiramos uma foto e, prova da sua generosa atenção, tomou o meu livro, segurando-o à sua frente. Estava diante de alguém muito diferente, que a cada instante se preocupava com os detalhes, mas de forma singela e natural, sem laivos de estrelismo, exibicionismo ou outra atitude a afastar; pelo contrário, era evidente o quanto se preocupava em aproximar as pessoas, sem distinção, fossem ilustres ou não.

Pude contar-lhe, ou melhor, acusá-lo do “crime” de levar-me novamente à poesia, dele ser o principal culpado, e ao abrir o sorriso magnânimo, leu dois poemas aleatórios e disse: “Apenas por estes versos, vejo que és poeta!”. Senti-me honrado, mas sabedor de ser menos uma constatação e mais uma prova de cortesia, amabilidade, do cavaleiro do que propriamente do crítico.

Vinte minutos depois, mais ou menos, iniciou-se a homenagem, em que ele falou um pouco de tudo: amigos, literatura, gênese criativa, viagens, a catástrofe em seu querido Rio Grande do Sul, o lançamento de suas memórias, e a galardoar figuras presentes e ausentes, não nessa ordem, mas, de alguma maneira, em cada um daqueles momentos havia sempre uma figura, no mínimo, a ser lembrada e honrada, como se ele não fosse o objetivo primordial daquela sessão.

Finda a palestra, atendeu carinhosamente a cada um dos presentes, a conceder autógrafos, a dialogar, e, invariavelmente, ser alvo de selfies e fotos.

Outro grande amigo, o poeta Fábio Ribas, de Brasília, também esteve no evento, e pudemos conversar bastante e matar a saudade de velhos e futuros papos.

Ao final, despedi-me do Poeta, com a promessa de, em breve, retomarmos a conversa incipiente.

Foi uma tarde/noite inesquecível, e a realização do sonho que sequer havia apetecido, mas se tornou real pelas providências da vida, de Deus nos cercar de amigos capazes de proporcionar momentos inconcebíveis.

Se você gosta de poesias, ou ainda não aprendeu a amá-las, sugiro a leitura de Carlos Nejar. Ele também é prosista, ensaista, cronista, entre outras atividades, mas Deus lhe deu, sobretudo, o dom dos versos, e neles se completa, assim como sem ele, os versos permaneceriam imperfeitos.



### NA FIRME CLARIDADE

Eu sei que a dor sem forma  
se avoluma  
na firme claridade.  
É pluma  
que voa com a palavra  
aprisionada.

A dor não tem nenhuma  
conformação na lava.  
Nem é espuma.  
A dor, amado,  
é te saber na praia.  
E eu ser apenas onda  
que se apaga.

(Do livro: “Todas as Fontes Estão em Ti”)

### RODA

Tudo é um relógio circular e ávido,  
sem ponteiros (quem pode merecê-los?)  
como uma tolda única, um enredo  
a deslindar-se noutro. Onde a corda

(que aos poucos enforca), venda, solda  
de sons que não entendo? Quem entorta  
o andar, mas não emperra  
como serra sempre a cortar, mortalha?

E sempre a circular, penetro nele —  
o relógio ou a sorte — que trabalha,  
sendo o próprio rodar, o próprio espelho  
que a nossa brevidade não desmarca.

(Do livro: “Ordenações”)



# BOBÔ MORIÔ?

um conto de **MICHEL SALOMÃO**

Fazia uma semana que Bobô havia sumido, deixando a porta entreaberta, sem ter dado mais notícias. O vizinho conhecido como “Seu Neném”, que na época deveria estar com 80 e muitos anos, e que morava há 40 anos no primeiro andar, de onde acompanhava da sua janela veneziana as movimentações dos demais moradores, disse que o fato era inédito, pois Bobô, que teria sido a moradora inaugural, não costumava se ausentar por muito tempo, sempre retornando ao cair da tarde de seu passeio pela orla, e mesmo durante a pandemia, saía religiosamente com o seu pacote de petiscos para os cachorros nas mãos, sob o risco de ser presa pelas autoridades invisíveis, e a única coisa que a preocupava era que os cães não poderiam ficar sem se alimentar, e que não precisava temer pois sabia que não se contaminavam nem transmitiam o vírus, mesmo não sendo vacinados contra a terrível doença que somente não se propagava entre os humanos nos intervalos das refeições, único momento em que as pessoas eram autorizadas a tirarem as suas máscaras de papel, mantendo uma distância mínima de 1,5 metro dos demais seres humanos, aboletados em bares e restaurantes, pois foi esse o entendimento das autoridades sanitárias, que diariamente promulgavam as suas ME’s (Medidas Estúpidas), que mandavam prender, sem direito a fiança, quem se aventurasse a passear

ao ar livre, por praias, parques ou praças, mesmo que vazias.

Uma testemunha havia descrito a visão de uma mulher idosa, com características semelhantes às de Bobô, que teria entrado no mar numa noite de lua cheia para entregar oferendas a Yemanjá, e assim foi formada emergencialmente uma equipe para iniciar as buscas pelo corpo, ao longo das praias vizinhas, com o destacamento de barcos, jet-skis, submarinos, carros anfíbios, drones e helicópteros, mas a iniciativa foi abortada porque um pipoqueiro que trabalhava nas imediações afirmou ter visto de longe a silhueta de uma mulher que se assemelhava a Bobô, a quem conhecia de longa data, entrando em um novíssimo Cadillac Escalade preto, aquele mesmo tipo utilizado pelos magnatas norte-americanos, que saiu em disparada pela Avenida em direção ao Aeroporto Santos Dumont.

Rapidamente, o Departamento de Trânsito e a Guarda Municipal foram acionados, mas muitos duvidaram dessa versão, porque seria improvável que uma velha como aquela, que não tinha parentes nem amigos, e que era incapaz de alterar a sua rotina, fosse encarar uma aventura dessas em um carro tão raro neste país onde se comercializam carroças motorizadas, mas diversas hipóteses foram aventadas, como um possível sequestro, queima de arquivo, agentes da CIA ou da FSB, abdução por

seres alienígenas, entre outras elucubrações. Ainda assim, procuraram verificar as câmeras de segurança ao longo do percurso até o aeroporto, mas nada encontraram, nem um só Jeep Renegade, que neste país cheio de contradições era vendido a preço de Escalade.

Beatas montaram vigílias em frente ao prédio e a imprensa internacional logo se interessou pelo caso, o que fez com que os jornalistas nacionais se mobilizassem para compensar o atraso, visto que naquele momento estavam se empenhando em criar narrativas contra os opositores ao governo, mas tiveram que dar uma pausa em virtude da incrível história de Bobô, que ganhou uma repercussão sem precedentes, sendo que até o Presidente do país teve que se pronunciar, resgatado de uma de suas bebedeiras marcadas pela habitual incontinência urinária, para errar o nome da desaparecida, a quem chamou “Popô”, fato que foi duramente usado pelos seus opositoristas que afirmavam que ele não tinha mais condições de tentar uma reeleição.

O fato é que, até o princípio da segunda semana, Bobô não havia aparecido. Algumas pessoas tentaram encontrar nos registros do Cartório de Imóveis qual seria seu verdadeiro nome, mas o documento mostrava a titularidade de uma empresa falida há décadas, e alguns ainda se empenharam em descobrir os nomes dos sócios, para encontrarem no site “My Heritage” a existência de eventuais descendentes, até que conseguiram contato com dois sobrinhos-netos do fundador, mas nenhum deles teria ouvido falar em Bobô, apesar de se interessarem por uma eventual herança, e logo se apresentaram com advogados,

com suas habituais vestimentas mal-ajambradas, equipados de peculiar arrogância e prontos para colherem assinaturas em procurações aleatórias que lhes dariam o direito de se apropriarem de quaisquer bens disponíveis e indisponíveis que originalmente deveriam ser destinados a seus clientes, mas isso não faz parte da história que estamos, aqui, tentando narrar e assim vamos prosseguir com os fatos.

Realizada uma missa de corpo ausente, as beatas chegavam com suas vestimentas fúnebres, e uma delas seria a espanhola Emeraldal (e não Esmeralda), que chorava copiosamente e gritava “Bobô Moriô”, Bobô Moriô”, enquanto alguns homens observavam, indiferentes, apoiados nos pilares de mármore, com suas bermudas e chinelos, pois estavam em pleno verão e o termômetro devia estar marcando algo próximo de 40 graus na sombra, e as mulheres tentavam entrar na igreja desvestidas com saídas de praia transparentes, algumas delas sem o sutiã, mas eram impedidas, pois seria um descaso com a memória da pobre Bobô, heroína defensora dos animais, instante em que ela, ela mesma, a desaparecida, passou diante da porta, direcionando o seu olhar descontraído para o interior da igreja abarrotada de vizinhos e curiosos, e prosseguiu com o seu conhecido passinho errante, trazendo em suas mãos o saquinho de petiscos. Os presentes, atônitos, saíram em procissão atrás da ex-falecida, e ficaram aglomerados no calçadão, enquanto ela distribuía tranquilamente os alimentos aos cães, balbuciando “bobô, bobô, bobô, bobô”.

Dona Jandira foi a única vizinha que teve a coragem de se aproximar da personagem, que poderia ser apenas uma projeção do outro mundo, uma imagem holográfica ou algum outro recurso tecnológico até então desconhecido, e perguntar onde ela esteve durante todos aqueles dias, e a outra, com a maior naturalidade monossilábica, respondeu: “aqui”. E voltou para o seu mundo, como se nada tivesse acontecido.

# “A Bula do Placebo”



ebook: R\$ 9,99

[amazon.com.br](https://amazon.com.br) ou [kalamos.com.br](https://kalamos.com.br)

# O velho e a praia – Parte IV



**Jorge F. Isah**

O vento remexia as folhas e ramos dos coqueiros, das palmeiras, os fios de alta-tensão, e nem mesmo as nuvens mais pesadas e densas resistiam aos impulsos, na direção de aonde a força as levavam, numa corrente invisível, talvez leviana, em desordem, mas incapaz de não ser notada, e, em alguns momentos, admirada, se os olhos a verem-na pudessem, em sua trivialidade, reconhecer a beleza e domínio. Moviam-se, cada qual a seu jeito, segundo a sua natureza e vigor, uns mais outros menos, entretanto, nada podia se ver livre da sua influência... Os pássaros entre pios e cânticos se faziam ruidosos e intrusivos, não tanto quanto os latidos e seus cães em uma toada monocórdica; não tanto quanto o arrastar dos pneus no asfalto e pedras, ou os motores com seus guinchos, chios, rumores e abalos... Uma voz aqui, outra acolá... O portão a fechar num baque, lúgubre, solitário; ou o arrastar de roldanas e correntes... O menino a bater bola na calçada, enquanto a molecada corria aos berros no meio da praça... E o ambulante a buzinar o seu carrinho em busca da clientela: ovos, queijo mineiro, goiabada, alho e mel, tudo em promoção, tudo fresquinho, direto da fazenda, cinco pelo preço de um... Aquele lugar não era tão diferente de.

todos os demais lugares, dos excepcionalmente comuns, onde homens, mulheres, crianças e animais se perdiam no tempo, em um passado inacabado, a estender e prolongar-se em anos e décadas, como se a eternidade fosse o derradeiro facho de luz antes da escuridão... Cada um se ocupa ou distrai na repetição, na conclusão de praticamente nada escapar da marcha ininterrupta de segundos e segundos.

Antenor ouvia Dvorak, a 9ª. Sinfonia, enquanto folheava um livro de história e tinha esses pensamentos e, enquanto meditava, vez ou outra olhava através da janela, para o céu azul, o sol, as sombras dos muros, árvores, postes e edifícios, às portas de casa e também tão distantes quanto os olhos podiam alcançar... Nem mesmo o mar que não via, mas ouvia, era empecilho às imagens formarem-se uma após outra, e se ver sobre as ondas, a navegar a lancha que não tinha, a mover o timão que não tinha, a habilidade desconhecida, e os planos encetados na sensação de cavalgá-las tais qual um cavalo amansado e submisso... Não se lembrou de já ter quase setenta anos, da saúde não ser lá grande coisa, de há uns trinta anos não se aventurar a nada além de caminhar em trilhas e, agora, à beira-mar, não se dispor ao menor dos choques, rasteiras, pregadas e chutes nas partidas de fute-



bol. Em nada mais se arriscava, nada além dos resfriados, câimbras, pressão alta e uma alergia de vez enquanto. Não se lembrou dos cabelos brancos, da barba branca, dos quase vinte quilos acima do peso, das rugas e pés de galinha, ainda que poucas. Talvez, se a lembrança aflorasse, não houvesse tempo para ver-se a navegar as águas azuis e os inúmeros tons de verde, em um enlevo aventureiro e juvenil. Alguém disse, certa vez, que o homem incapaz de morrer era o que permanecia com o espírito jovem, não se dobrava à idade, e visitava os sonhos assim como era por eles visitado... Ele se dava ao luxo de fazer coisas como antigamente: ler, escrever versos esparsos, estudar, aprender, coisas que a maioria das pessoas não estava disposta, seja por nunca ter empreendido-as ou simplesmente pela ignorância ou preguiça de saber-se hábil e em condições de se dedicar a elas. Onde o mundo estaria fadado a chegar com gente tão pouco ambiciosa e devotada às causas nobres e virtuosas? Encarceradas no desejo mais prosaico de buscar apenas dinheiro e nada mais? Sem ao menos servir-se dele, pois na maior parte do tempo era mero eunuco de um prazer impossível e inalcançável, ao testemunhar o impulso vital do seu senhor, e por ele ser subjugado... Foi quando lhe veio o cheiro sutil... como uma reminiscência... longínqua, dispersa, raios indefinidos projetados sobre as sombras, distantes, até se tornarem acessíveis...

Havia o cheiro; tentou livrar-se dele, mas, como se livrar de algo a penetrar as narinas, apreender os poros e dominar os sentidos? Mesmo se as apertasse com os dedos, a força a espremer os tecidos uns contra os outros, a não permitir o aspirar e expelir, o odor já se instalara e nada seria eficaz em demovê-lo de impregnar com plangente significado a consciência, das coisas serem meras repetições de momentos idos e vindos, definidos mas inexplicáveis... O odor a empestear a alma, a tomar-lhe o ânimo, a desfazer uma a uma as imagens... o sonho se fragmentando, a desbaratar, em certo momento, tão rápida e definitivamente como jamais fora alentado ou configurado... Aquele cheiro veio como aborto, a matar o espectro e tirar-lhe a vida, ainda que momentânea, condicional, inextinguível... era-lhe familiar... o reflexo sem estímulo... a estapear-lhe o âmago, tal qual uma faca a rasgar músculos, carne, nervos, um espasmo descritivo em aspectos e contrações evocadas por dúvidas, mas insuportavelmente precisa.

Correu à cozinha.

— Mulher! O arroz queimou, de novo?!

Ela não o encarou. Mais uma vez, e já não sabia por quantos vezes fora alertada, não havia explicação ou desculpa.

— Foi só um pouquinho...

Não era a primeira nem provavelmente a última vez que o marido falava sobre o assunto:

— Já lhe disse um milhão de vezes para não deixar o fogo tão alto, porque você acaba se descuidando e queima tudo. Toda vez é a mesma coisa: sempre tem comida com gosto de cinza... — E, mais tranquilo, completou:

— Por que você não consegue fazer as coisas com paciência e calma, e tudo acaba por se resumir a qualquer resultado desde que seja rápido?... Desse jeito, você nunca fará nada que preste!... Sempre querendo bater o relógio, em uma competição tola.

Ele já havia tentado todas as coisas, desde argumentos, lógica, imagens e até mesmo análises de cientistas e especialistas quanto a um sem-número de coisas que ela fazia assim... de qualquer jeito.

Para ela, sem entender os reais motivos para sempre agir daquela forma, não havia possibilidade de se curvar aos argumentos do marido, pois, afinal, quem ele era? O sabichão? Dono de todas as verdades?... Ele até podia ser, e ela não dizia de si para si que ele era, mas havia a dúvida de se era ou não, entretanto, aceitar a ideia como fato a tornaria, de alguma maneira, submissa a ela; bastaria concordar uma única vez para se ver obrigada a aquiescer sempre, e isso, custasse o que custasse, era algo completamente fora da sua cartilha; não iria jamais acontecer. Não ia dar a ele esse gostinho...

— Por que está brigando?... Deixa de ser chato e para de discutir!

— Mas não estou brigando, apenas falando... Desde quando ponderar sobre algo vira ataque?... Você está é desviando o assunto, como sempre.

— Não disse!! Olha você discutindo de novo!

— De que adianta tentar pôr juízo na sua cabeça, se a única coisa que interessa é continuar fazendo o que faz sem se aperceber do que faz?

Ela até podia entender todo aquele palavratório, mas não estava nem um pouco disposta a isso. Que ficasse com suas frases complicadas e ininteligíveis. Estava cansada de querer entendê-lo, e, também, já era mais do que a hora dele compreender de uma vez por todas que não mudaria, e teria de aceitá-la como era e não como queria.

— Ah, não me enche!! E bateu com a panela queimada na trempe do fogão, como se estivesse a enxotar uma galinha ou um cão sarnento.

Não valia a pena, pensou. Enquanto tentou não respirar o ar esfumaçado e tostado e característico do arroz com o aço inoxidável e fogo.

Voltou ao escritório. Sobre a mesa, o livro de história. Ao som descontinuado de Dvorak. Perdera o fio da meada. Na janela, o mesmo quadro de minutos antes. Parecia uma tela finalizada instantaneamente. Sem retoques ou acabamentos. Áspera e crua em seu requinte espontâneo e primitivo... Nada significava tanto quanto as poucas e imperceptíveis transições e mudanças na praia, mesmo quando as tempestades principiavam e rapidamente se extinguíam, ou quando retornavam após momentos de aparente calma. Seja o sol e calor abrasadores, seja os ventos impiedosos, a chuva descabida, tudo era o mesmo, e se repetia.

Na cozinha, Lurdinha bateu outras duas panelas, até não ouvir mais os passos do marido. Não tinha certeza se estava longe ou perto, já não ouvia tão bem quanto antes, na verdade, estava às portas da anacuse, mas certamente o embate do aço com o ferro haveria de afastá-lo definitivamente, ao menos, por enquanto. A raiva tomava-lhe, por não saber como responder às suas provocações. Sim, para ela, tudo o que ele fazia ou dizia tinha o sentido de fustigá-la, de magoá-la, independente de afirmar ser um conselho ou aviso; nada lhe tirava da cabeça que o objetivo de Antenor era espezinhar e desmerecê-la. Um alerta nunca era um simples alerta. Um conselho jamais podia ser um simples conselho. Tudo tinha o fim, e este era pô-la abaixo, com todos os seus conhecimentos, leituras e achados, pesquisas e informações... Ah, pro diabo com tudo aquilo! Se pensava que seria fácil obrigá-la a ceder aos seus discursos e provas, estava muito enganado. Não daria o braço a torcer! Nem em cem anos!... E o que tinha de dar pitaco nas coisas que ela fazia, do jeito

que fazia, se ela fazia? Bem ou mal, isso era o que importava.

— Eu adoro arroz queimado! — disse, sem a expectativa de ser ouvida, mas querendo ser. — Se ele não gosta, não coma! Sobra mais para mim...

Também ela, naquela cozinha, com os ingredientes de sempre, os utensílios de sempre, a disposição de sempre, e de sempre correr e estafar-se na corrida, não se permitia mudanças.

E tudo, naquela casa, redondezas, cidade e provavelmente em outros lugares como ali, permaneciam tal quais os homens queriam, em suas inépcias de não desejarem o que não queriam, quanto ao mais queriam, e de manterem os desejos mais profanos, e deles se orgulharem.



# É AMOR?

Saul Moscote

Você acredita no amor? Acha que funciona que nem nos filmes e novelas? Pois está enganado: aquilo que você vê é instinto de procriação, é sexo, é fogo na jiripoca, mesmo que os envolvidos não queiram conscientemente procriar. São hormônios trabalhando para fazer com que os amantes enlouqueçam, principalmente, quando não são correspondidos. Mas é aí que se vê que não é amor. Amor é um sentimento puro, sem interesse de recompensa, que não se confunde com o ódio, ao contrário do que alguns tentam sofismar, mas é o sentimento que um bom pai e uma boa mãe sentem por um filho. Utilizamos os termos “bom” e “boa”, porque nem todo pai e mãe são bons. Tem pais que cortam a rede de proteção das janelas e jogam a criança lá embaixo, no playground, mas também tem filhos que se livram dos pais com marretadas nas cabeças, com a ajuda do namorado e do irmão dele. Mas bons pais e boas mães não se importam com o que os filhos sentem por eles, e amam, apenas isso. Acha possível haver amor entre casais? Amor e sexo são indissociáveis? Se o sexo diminuir a intensidade, ou mesmo acabar, e o casal continuar querendo viver junto, se respeitando, se tolerando, é amor?

Alguns céticos podem argumentar que isso nada tem de amor, mas que é costume, falta de opção, anulação do “eu”, fenômeno que ocorre com determinados velhinhos, que levam muito a sério o lema de que “só a morte os separe”. Mas, surpreendente, acontece de um morrer logo depois do outro, com pequeno intervalo de tempo. Será que era amor?

Mas o amor conjugal convencional, tipo “papai-mamãe”, está em franca decadência. Começou no tempo dos hippies, quando uns drogados, que se davam mal com suas famílias, resolveram fazer uma mistura danada entre os sexos e deixaram que as comunidades cuidassem das crianças que ocasionalmente nascessem. A partir daí o movimento gay ganhou força, e as relações intergêneros passou a ser considerada a tendência natural e a heterossexualidade foi considerada démodé.

Vamos confessar uma coisa: a sociedade patriarcal que foi levada a ferro e a fogo até os anos 1950 era uma lástima, com as mulheres burrinhas sendo enganadas e oprimidas por maridos barrigudos e puteiros. Mas ao invés das mulheres reivindicarem igualdade, resolveram fazer uma campanha, amplamente apoiada pelos gays, afirmando que eram melhores do que os homens, e aí virou bagunça: passaram a dominar o mercado de trabalho, e então os homens se acovardaram, abandonando o papel de provedores, e as mulheres acabaram se estressan-

do. Com o mercado saturado, os ganhos foram nivelados por baixo e as famílias tiveram que se escravizar para manterem um padrão mínimo de conforto, e nos tempos atuais os jovens nem se interessam em formar famílias, preferindo continuar morando nas casas dos pais, que muitas vezes se separam, mas continuam sob o mesmo teto, em quartos separados. Uma bagunça!

Neste intervalo, os gays (inclui-se nesse rol as “gayas”, termo que não existe, mas que inventei para explicar a coisa) começaram a divulgar uma massiva propaganda de que eram mais sensíveis, inteligentes, competentes, e que o amor entre dois iguais era mais puro do que entre um casal convencional. Nunca hei de me esquecer uma frase dita por não sei

quem, nos anos 1970, época em que bombava a Guerra do Vietnã: “é preferível ver dois homens se amando do que se matando”. E as duplas ou trios homogêneos (o chamado “poliamor”) passaram a ser vistos como o exemplo de uma nova sociedade moderna, onde o amor haveria de prevalecer. Mas não se atentaram para o fato de que homossexuais também traem, mentem, maltratam os filhos, matam por ciúmes ou por quaisquer outros motivos.

Nós, da Revista Bulunga, apostamos que a próxima tendência há de ser a oficialização de casamento entre homens e animais, principalmente com os jumentos, que são os que mais se assemelham a esses tipos que se dizem humanos.





# INFLUENCER

**Michel Salomão**

Flávio era um rapaz de 18 anos que resolveu se tornar influenciador digital. Dava dicas de investimentos, mas ele mesmo não tinha o que investir, pois até aquele momento não havia conquistado absolutamente nada, e ainda assim dava os mais variados e robustos conselhos aos seus seguidores acerca das melhores aplicações do mercado financeiro, adivinhando com imoderada imprudência quais ações que estariam em alta ou em baixa, mas ele mesmo não tinha onde cair morto, ou melhor, tinha, pois morava em um barraco feio, onde chovia mesmo em dia de céu aberto, dividindo um só cômodo com a sua mãe, o seu pai, dois irmãos, um cachorro e um gato, e viviam literalmente no sufoco, pois mal dava para respirar por havia apenas uma janela pequena junto à pia que ficava aos fundos, ao lado de um banheiro cuja divisão era improvisada com lona plástica, e o calor era tão insuportável que derretia o isopor onde tentavam conservar o gelo que compravam no bar do Felício, porque nem sonhavam ter uma geladeira, e o fogão era feito com tijolos empilhados e uma latinha com álcool que o pai fazia de fogareiro, que um dia tombou e queimou o braço de seu irmão mais novo, Oscar, nome tirado da famosa premiação do cinema de Hollywood, que a mãe não perdia uma, pois sempre sonhou em ser atriz, enquanto o pai queria ser motorista de ônibus, mas o máximo que conseguiu foi ser cobrador, durante apenas um mês,

pois as empresas de transporte coletivo, repentinamente, acabaram com a função a fim de reduzirem os seus custos e engordarem os seus lucros, e foi demitido sem direito a indenização.

Habitualmente, pegava roupas emprestadas com os seus parentes e amigos para parecer bem nos vídeos. Fazia filmagens em shoppings, posando na frente de lojas, bares e restaurantes. As pessoas acreditavam e o seguiam, davam likes, e o universo da fantasia agradecia, mas passados muitos meses, ele ainda não havia conquistado um só centavo dos gigantes das Redes Sociais, mas sonhava em poder comprar o seu carrão, a sua casa de cinco suítes e piscina com borda infinita, as roupas, os sapatos e tênis de grife, as baladas, as viagens internacionais, as mulheres deslumbrantes no seu encaixo, os exames de DNA, e assim foram dois anos de árduas tentativas, se endividando para comprar um smartphone usado, um iluminador de led e um microfone, em um shopping popular. A coisa era tão feia que tinha que roubar o sinal de internet do vizinho para poder fazer as suas postagens.

A mãe incentivava, achava tudo lindo e comentava com as comadres que tinha um filho artista. Mas acabou desistindo para aceitar um emprego de ajudante de pedreiro, depois que conheceu a Marcinha, casou-se com ela e teve três filhos catarrentos: Youtubson, Instagranelson e Facebokney.

# DIÁRIO DE UM SUJEITO

Helvécio S. Pereira

Alguém disse (li na revista em que o meu pai era fundador e editor) que não conhecemos tudo e não é por não termos todas as informações, o que é impossível de se ter, mas por não conhecermos todas as portas. Ou seja, não se trata de ter ou não informações, mas de ver as portas, as possibilidades. Essas possibilidades ou “portas” só são vistas se investirmos tempo em olhar ao nosso redor.

Numa dessas manhãs, indo indolente e ainda sonolento para o serviço, deparei-me com um senhor da minha idade (mas aparentando mais velho; só ele não sabia) com dois cães, um maior e um filhote da mesma raça, um tipo de poodle, pelo liso igual à Mel, que já tivemos. Na verdade, era uma cadela e seu esperto filhote. O nome dela, Ana Maria, o que eu soube depois de uma amistosa e breve conversa, seguida de uma despedida carinhosa.

Peguei o ônibus, com as bizarrices e todas as esquisitices que se seguiram, e acabaram sendo o resultado de um olhar atento às portas ou aos acontecimentos. Claro que não atentei para tudo, mas como quem escolhe canais na TV, vídeos no YouTube, e seleciona quais propagandas prestar atenção, assim transcorreu a próxima meia hora.

No ônibus, no avião, no táxi ou Uber, as pessoas escolhem dormir, ouvir uma canção patética ou, quando acompanhadas por alguém mais íntimo, tacar falação sobre uma suruba de assuntos normalmente nada importantes: a vida alheia, o serviço, a família ou o bairro, incansáveis em suas verborragias. Notei duas jovens sentadas logo atrás de mim; falaram sobre o trabalho, os conflitos pouco ou nada importantes de gente que só está junto num lugar e fazendo o que não gosta, compulsivamente. Pessoas que quando votam em um candidato x ou y,



sem conhecer verdadeiramente quem são, apenas de ouvir falar, geralmente baseado em definições e falsas notícias da mídia e de professores tendenciosos, ainda se gabam por estar “usando de sua liberdade de escolha”, como o prisioneiro numa solitária... Eram mulheres; e essa sutil e agradável diferença biológica, mais do que cultural, os “Wokers” de plantão teimam em negar... A voz feminina é aguda, embora, isoladamente, agradável, mas, por tanto tempo, falando rapidamente e competindo com os ruídos do ar-condicionado do articulado e o potente motor sob o piso, era definitivamente cansativo.

Uma batida, tecnicamente apenas, entre dois autos numa via importante e sem muita alternativa aos demais veículos, trancou a pista em sentido contrário. Ainda bem que não era a minha rota. Um sujeito, numa pick-up, resolveu mudar de pista inadvertidamente, na frente de uma carreta de cabine alta, com, no mínimo, vinte metros de comprimento. Deu ruim para ele e muito pior para os demais, que se viram “engarrafados” não sei quanto tempo, devido a uma atitude imbecil. Para o bem e para o mal, nem sequer arranhou a tinta de ambos os veículos.

Um senhor de presumíveis setenta e poucos anos, que sempre pega o ônibus no meio do caminho e se assenta sempre na mesma cadeira, logo atrás da roleta desativada (não há mais trocadores nos ônibus urbanos), e gasta o tempo, na maioria das vezes, com palavras-cruzadas. Hoje, estava lendo um livro diferente. O curioso é que, quando, por acaso, uma pessoa ocupa a santa e bendita cadeira, ele fica de pé, ao lado, corporalmente, dizendo ao ocupante inadvertido: “esse é o meu lugar, por hábito e direito”!

Chego finalmente à escola, depois de uma caminhada de oito quarteirões (às vezes, alunos me perguntam se “eu tenho carro”, seguida da reveladora pergunta que mostram os seus valores, que, a meu ver, são desprezíveis: “por que não vem de carro?”). Afinal, preciso caminhar devido à minha situação pré-diabética, com 128 de glicemia, caminhar e fazer exercícios diários, coisas que, como um desleixado assumido, não faço nem com uma arma na cabeça.

Vans e carros particulares, Ubers e motos, disputam a aparentemente mais apertada rua de duas mãos para chegar à escola; as “crianças”, que muitas não são (há crianças, sim, ainda, poucas é verdade) mas sabem que não são, se vangloriam de conhecer e fazer putarias que deixariam a maioria das professoras, casadas ou não, com vida sexual superativa ou não, vexadas.

ONU, a UNESCO, o Papa, o Ministério da educação, os governos federal, estaduais, municipais, os secretários de educação, os diretores, os professores, os sindicatos, veem uma educação, os pais outra, os alunos outra e a multidão de pedagogos, palpiteiros, psicólogos, as câmaras repletas de senadores, deputados, vereadores, oportunistas, apedeutas, e mais quem eu tenha esquecido, se metem num labirinto onde a saída é ficar perdido e contentar-se com o esforço inútil, sem nenhuma luz ao fim do túnel.

Como resultado, temos a penúltima educação do mundo, com fortes possibilidades de, muito em breve, ocuparmos o último lugar, já que o tal país africano, o último colocado, pode tomar uma atitude e deixar a lanterninha para a “pátria educadora”; assim como a URSS, atual Rússia, em vinte anos, praticamente erradicou o seu analfabetismo de dois dígitos, e a China, em quarenta anos, promoveu uma grande remodelagem na sua educação, e olha que falamos de russo e mandarim, idiomas muito mais difíceis, contrariando a narrativa dos professores que, por décadas, espalharam aos quatro ventos: “o português é a língua mais difícil do mundo!” (sic).

Há coisas que jamais acontecerão: Jesus ser crucificado de novo, Satanás ser perdoado, e o Brasil ser um país de primeiro mundo.

Que se passe a régua!

DEPOIS DA REVISTA  
BULUNGA  
Nº 31, VEM AÍ A Nº  
32!

# papo **CRISTÃO**

por **Michel Salomão**

Poucas igrejas têm a coragem de entrar a fundo nas questões do Apocalipse, livro da Bíblia escrito por João, apóstolo de Jesus, já bem velhinho, durante o tempo em que esteve preso na Ilha de Patmos. É um livro difícil, não há dúvida, mas coloca em questão várias certezas as quais muitas religiões insistem em propagar, a exemplo da salvação instantânea, comprada em supermercados.

Em Apocalipse, João narra muitas visões que hoje em dia são confundidas com experiências com espaçonaves e seres extraterrestres, abduções, entre outros fenômenos que estão fora do nosso limite de percepção, mas que fica claro, com uma leitura mais dedicada ao texto, se tratar de demonstração do absoluto poder de nosso Criador.

O juízo final é um assunto que muitos tentam evitar, pois coloca em xeque a hipocrisia da religiosidade vazia, muito semelhante à praticada pelos Fariseus, os “mestres da Lei” que saíam vomitando regras que os próprios não cumpriam.

Muitos serão chamados, mas poucos

serão escolhidos: com a leitura de Apocalipse, poderemos chegar à conclusão de que a Nova Jerusalém não há de ser um local densamente povoado, ao contrário do que sustentam os que negociam uma crença permissiva, baseada em conceitos modernos vendidos por coaches da fé, que contrariam o texto bíblico, composto pelo Velho e pelo Novo Testamento. Existem muitos líderes religiosos (e bilhões de seguidores) que defendem que as leis repassadas por Deus a Moisés, inclusive os Dez Mandamentos, caíram em desuso, e fazem uma livre interpretação do que disse Jesus a respeito do amor, principalmente do “amar a si próprio”, criando uma espécie de autoidolatria que leva as pessoas a um abismo existencial, pois motivam a crença em uma “força interior” que na verdade desaba diante de qualquer frustração.

É por isso que o texto de Apocalipse é ignorado, pois lá estão as verdades profetizadas, que podem representar o terror para quem as rejeitam, mas o consolo e a salvação para aqueles que creem.



# SPOILERS



O filme é ruim. Muito ruim. Mas é ruim demais. Eu não queria falar mal do cinema brasileiro, pois foram feitos muitos filmes bons, e poderia citar "Bye bye Brasil", "Abril despedaçado", "Bicho de Sete Cabeças", "O Cheiro do Ralo", "Pixote", "Cidade de Deus", "Cinema, Aspirinas e Urubus", entre diversos outros, mas tem produtores e diretores brasileiros que insistem em tentar imitar os "blockbusters" norteamericanos, o que acaba mal. As tomadas de câmera são horríveis, utilizando por várias vezes o superclose, recurso que deve ser visto com moderação. Mateus Ceará fez muito sucesso com seu personagem que é ele mesmo no humorístico "A Praça é Nossa", com suas piadas de duplo sentido, mas é no teatro que faz mais sucesso distribuindo palavrões em excesso, o que, na maioria das vezes, faz com que a piada perca a graça.

O filme é cheio de clichês, onde não poderia faltar um filho nerd, uma filha que sonha em ser influenciadora digital e não para de fazer poses para selfies. Durante todo o filme é IMPOSSÍVEL dar uma única risada.

A crítica falou mal do desempenho de Priscila Fantin, mas por incrível que pareça é a que se sai melhor no filme, mesmo fazendo uma nordestina estereotipada.

O problema maior é a falta de enredo. Parece que chamaram uma turma e alguém propôs: "vamos fazer um filme? Sobre o que? Ah, sei lá, a gente liga a câmera e sai filmando, no improviso".

Não vou falar como termina a "aventura" pois nem deveria ter começado e espero que você não assista essa porcaria, mesmo que não tenha outra opção. Mas tem, sim: você pode tomar uma dose de cianureto e se matar, e assim não correrá o risco de ver esse LIXO.



# coluna do nelson TRAMONTINA



corte rápido

**Nelson é nosso correspondente internacional em Tuvalu e, mesmo estando longe, consegue fazer seus "cortes rápidos", respondendo às perguntas dos leitores com comentários secos acerca dos costumes da sociedade e da situação do país em que viveu a maior parte de sua longa vida, até se tornar um respeitável e ranzinza aposentado e comentarista do tempo. E quase sempre acerta, quando palpita se vai chover ou fazer calor.**

*Nelson, quero comprar um monte de coisas que me fariam feliz, mas não tenho dinheiro. Será que devo procurar um emprego?*

**NELSON** - Um vagabundo nunca será feliz tendo um emprego. Procure assaltar bancos.

*A minha sogra não gosta de mim, e fala que eu sou um folgado, só porque não levo carne e cerveja para os churrascos que eles fazem. Você acha que ela tem razão?*

**NELSON** – Eu não acho, mas tenho a mais absoluta certeza.

*Sou peixes e minha noiva é virgem. Ela adora festas, baladas, é ligada ao cinema e ao teatro e já rodou o mundo com os amigos, vez ou outra desaparece, mas depois vem com umas histórias mais esquisitas, enquanto eu fico quieto na minha prainha. Você acha que podemos dar certo?*

**NELSON** – Há fortes indícios de que você é da espécie "peixe-touro", que é muito tranquila, mas desconfio que ela não é mais virgem. Vocês podem dar certo, sim, indiferente do que dizem os astros.

*Nelson, eu sempre fui de beber socialmente, mas vez ou outra vou a umas baladas com os amigos e exagero, a ponto de perder a consciência. Será que estou virando um alcoólatra?*

**NELSON** – O fato de estar virando um alcoólatra não é tão preocupante quanto o ditado popular, que diz que "bumbum de bêbado não tem dono". Acho melhor se cuidar.

*Os meus parentes, amigos e colegas de serviço dizem que sou feio. Mas eu me olho no espelho e não me acho tão feio assim. Será que tenho problema de autoestima muito alta?*

**NELSON** – O problema não é a autoestima, mas o seu espelho, que deve estar estragado.

*Sou evangélico e pelas regras da minha igreja não se pode "conhecer" a moça antes do casamento. Só que morro de medo que aconteça comigo o que aconteceu com um irmão da igreja, que depois de casado foi saber que a noiva "mijava em pé" que nem ele.*

**NELSON** – É uma situação delicada, quando se trata de questões relativas à fé, mas acho que você terá que correr o risco, mas poderá fingir que tropeça perto dela e meter a mão lá prá ver se encontra algum volume entre as pernas.

*Nelson, eu me casei muito cedo e não tive como aproveitar a vida, se é que me entende. Agora estou velho, viúvo, e penso em tirar o atraso, curtir a vida com a garotada. O que acha?*

**NELSON** - Acho que não existe nada mais ridículo no mundo do que um velho metido a adolescente. Penso que você não deveria tirar o atraso, mas adiantar a compra de um jazigo, pois o seu tempo passou e ainda não se deu conta disso.